

# Terminologia do Turismo de Aventura: busca e análise de termos equivalentes (português-inglês) do campo atividades de aventura

(Adventure Tourism Terminology: search and analysis of equivalent terms  
(Portuguese-English) in the field of Adventure Activities)

Ivanir Azevedo Delvizio<sup>1</sup>

<sup>1</sup>*Campus* de Rosana – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)

ivanir@rosana.unesp.br

**Abstract:** The aim of this paper is to present results of the search for equivalents in English of a set of terms relating to adventure activities. The selection of terms and the search for equivalents were based on two comparable corpora specialized in Adventure Tourism, consisting of texts originally written in Portuguese and English, using the lexical analysis software WordSmith Tools. Complementary works were also used, such as general language and specialized dictionaries. Terms, usage context and definitions extracted from the corpora and complementary sources were inserted in trilingual terminological records. Data collected were analyzed and compared in order to identify relations of equivalence, partial equivalence or lack thereof between terms in Portuguese and English.

**Keywords:** Terminology; Adventure Tourism; Portuguese-English.

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo apresentar resultados do trabalho de busca dos equivalentes em inglês de um conjunto de termos relativos às atividades de aventura. A seleção dos termos e a busca dos equivalentes tiveram como base dois corpora comparáveis especializados na área de Turismo de Aventura, compostos por textos redigidos originalmente em português e inglês, com o auxílio do programa de análise lexical WordSmith Tools. Também foram usadas obras complementares como dicionários de língua geral e especializados. Os termos, contextos de uso e definições extraídos dos corpora e das fontes complementares foram inseridos em fichas terminológicas trilingües. Os dados coletados foram analisados e comparados com o objetivo de identificar as relações de equivalência, equivalência parcial ou ausência de equivalência entre os termos em português e inglês.

**Palavras-chave:** Terminologia; Turismo de Aventura; Português-Inglês.

## Turismo de Aventura: definição e delimitação

O Turismo de Aventura, domínio sobre o qual se desenvolve nossa pesquisa terminológica, pode ser definido como:

[...] o segmento do mercado turístico que promove a prática de atividades de aventura e esporte recreacional, em ambientes naturais e espaços urbanos [...], que envolvam emoções e riscos controlados, exigindo o uso de técnicas e equipamentos específicos, a adoção de procedimentos para garantir a segurança pessoal e de terceiros e o respeito ao patrimônio ambiental e sócio-cultural. (BRASIL, 2005, p. 9)

Esse ramo tem sido muito valorizado por apresentar grande potencial de crescimento e representar uma forma de desenvolvimento sustentável para várias regiões do Brasil e suas comunidades locais. Além disso, a prática do Turismo de Aventura no Brasil também ganhou visibilidade no âmbito internacional. Em 2009, por exemplo, o Brasil foi

eleito pela revista *National Geographic Adventure* como o melhor destino para aventureiros e esportistas radicais (BRASIL, 2010, p. 22).

Em face do protagonismo do Brasil no segmento de Turismo de Aventura, de sua projeção internacional e das necessidades comunicativas que surgem desse processo, desenvolvemos, no âmbito do curso de Turismo da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), o projeto de pesquisa *Terminologia do Turismo de Aventura*, que tem como objetivo final a elaboração de um glossário trilingue (português-espanhol-ínglês) de termos relativos ao Turismo de Aventura. O projeto conta com a participação de alunos de graduação do curso de Turismo, sendo cada um responsável pela busca dos equivalentes de um subconjunto de termos em um par de línguas (português-espanhol ou português-ínglês). Os termos do glossário estão organizados em dois campos principais: 1) Atividades de aventura e 2) Equipamentos e dispositivos de segurança. Neste trabalho, analisaremos os termos relativos às atividades de aventura, cabendo-nos, preliminarmente, defini-las para delimitar o conjunto terminológico.

Consideram-se atividades de aventura “as experiências físicas e sensoriais recreativas que envolvem desafio, riscos avaliados, controláveis e assumidos que podem proporcionar sensações diversas: liberdade; prazer; superação, etc. – a depender da expectativa e experiência de cada pessoa e do nível de dificuldade da cada atividade” (BRASIL, 2010, p. 15). Essas atividades podem ser desenvolvidas em espaço “natural, construído, rural, urbano, estabelecido como área protegida ou não” (BRASIL, 2010, p. 15). Embora haja outros critérios e sistematizações, a literatura especializada costuma classificá-las segundo os meios em que são praticadas: ar, água e terra, principalmente, e também neve. Vale observar que a prática de algumas atividades pode envolver mais de um elemento. No quadro que apresentaremos mais adiante, essas atividades foram sublinhadas e classificadas de acordo com o elemento que julgamos predominante.

O turismo de aventura possui interfaces com outros segmentos turísticos, tais como o ecoturismo, o turismo de esportes, o turismo rural e o turismo de sol e praia. Segundo Buckley e Uvinha (2011, p. 3), as atividades de ecoturismo enfocam a observação, conservação e conscientização, e as de turismo de aventura, a ação. O turismo de esportes refere-se à prática ou observação de atividades competitivas e regulamentadas, já o turismo de aventura contempla a prática de atividades de forma recreativa e não competitiva. Acrescente-se, ainda, que as atividades de aventura podem ser realizadas em diversos ambientes, como áreas rurais e litorâneas, podendo sobrepor-se ao turismo rural e ao de sol e praia. Sendo assim, uma mesma atividade pode estar inserida em um ou mais segmentos, “dependendo da ênfase e do valor que o observador deseja transmitir” (SWARBROOKE et al., 2003, p. 21).

Diante do exposto, em nosso trabalho, consideraremos as atividades de aventura de uma forma ampla, incluindo atividades esportivas e recreativas desenvolvidas em espaços urbanos e naturais, conjugadas ou não com outros propósitos que não os do turismo de aventura. Neste artigo, especificamente, apresentaremos a etapa da pesquisa referente à busca dos equivalentes em inglês do subconjunto de termos que compõem o campo das atividades de aventura. Para isso, apresentaremos uma breve revisão sobre os pressupostos básicos da pesquisa terminológica bilíngue.

## Pesquisa terminológica bilíngue e relações de equivalência

A pesquisa terminológica pode ser bilíngue ou multilíngue, envolvendo o estudo comparado de termos pertencentes a duas ou mais línguas para identificação de equivalentes (RONDEAU, 1984, p. 32). A pesquisa terminológica bi ou multilíngue auxilia não só o trabalho de tradutores técnicos e científicos, mas também o intercâmbio de informações entre especialistas falantes de línguas diferentes, disponibilizando ao público glossários e dicionários especializados com termos equivalentes em diferentes línguas (VEGA, 1996, p. 65).

As pesquisas terminológicas atuais são baseadas em *corpus*. Por *corpus*, compreendemos um “conjunto de enunciados escritos ou orais relativos ao domínio estudado e que são utilizados em um trabalho terminológico” (BOUTIN-QUESNEL et al., 1985, p. 26). Barros (2004, p. 9) explica que “o trabalho de análise do *corpus* consiste, fundamentalmente, na recolha das unidades terminológicas que devem constituir a nomenclatura e no levantamento dos dados relativos a elas”. Para Cabré (1993, p. 338), um trabalho terminológico sistemático é realmente bilíngue ou multilíngue se “para cada uma das línguas que inclui se cumprem todos os requisitos exigidos por um trabalho monolíngue”. Sendo assim, recomenda-se a criação de um *corpus* de textos especializados sobre o assunto tratado tanto na língua de partida quanto na língua de chegada. Na pesquisa terminológica bilíngue, pode-se trabalhar com *corpora* paralelos, formados por textos na língua de partida e respectivas traduções para a língua de chegada, ou comparáveis, compostos por textos originais na língua de partida e por outros textos de mesmo nível e natureza na língua de chegada.

Atualmente, com os recursos tecnológicos existentes, predominam os trabalhos baseados em *corpus* digitalizado, ou seja, um conjunto de textos “armazenados em meio eletrônico e passíveis de serem analisados de forma automática ou semiautomática” (BAKER, 1995, p. 225). O *corpus* possibilita a observação do uso real de cada termo, seus contextos e concordâncias e o uso de programas computacionais potencializa essas análises. Os termos, contextos e demais informações recolhidos dos *corpora* são registrados em fichas terminológicas. Krieger e Finatto (2004, p. 154) explicam que a ficha terminológica:

É um registro organizado e multidimensional de um conjunto de informações sobre um dado termo. Esse termo tem ocorrência em um *corpus* textual, de onde é coletado. Faz-se, assim, nessa ficha um verdadeiro dossiê sobre o termo, registrando-se todas as informações que sejam úteis, quer para a equipe de trabalho, quer para o futuro usuário dessas informações.

Com todos os dados recolhidos e organizados nas fichas terminológicas, o terminólogo realiza um trabalho de comparação dos dados (definições, contextos e outras informações) a respeito da unidade terminológica na língua-fonte com os dados da unidade terminológica na língua-alvo, buscando identificar os descritores comuns e estabelecer a relação de equivalência. Entretanto, a relação entre a terminologia de duas línguas diferentes não é exata e unívoca, nem sempre havendo para um termo na língua de partida (LP) um termo equivalente na língua de chegada (LC). Segundo Alpízar-Castillo (1997, p. 101):

[...] a correspondência entre termos de línguas diferentes situa-se em um diapasão de possibilidades que vai do total recobrimento do conteúdo do termo da língua A por um

da língua B, até a total falta de equivalência, passando por uma variada gama de recobrimientos parciais.

Em nossa pesquisa, trabalhamos com três conceitos básicos: equivalência, equivalência parcial e ausência de equivalência. A equivalência ocorre quando o termo na LC “exibe uma identidade completa de sentidos e de uso com o termo da LP, no interior de um mesmo domínio de aplicação” (DUBUC, 1985, p. 55). A equivalência parcial, ou correspondência, ocorre quando o termo de uma língua “recobre apenas parcialmente o campo de significação do termo de outra língua, ou se situa em um nível de língua diferente de seu homólogo de outra língua” (DUBUC, 1985, p. 55). Inclui-se nesse caso a equivalência funcional, que ocorre quando os termos de duas línguas, apesar de não possuírem identidade total, equiparam-se do ponto de vista institucional ou cultural, podendo ser utilizados como equivalentes. Também é possível “que o próprio conceito não exista em alguma das línguas confrontadas” (ALPÍZAR-CASTILLO, 1997, p. 102), inexistindo, por conseguinte, uma expressão terminológica na língua-alvo. Nesse caso, Barros (2004, p. 252) defende a indicação da inexistência de um equivalente terminológico, recurso que a autora julga ser uma alternativa “preferível à apresentação de equivalentes aproximativos sem qualquer advertência”. Um recurso sugerido e frequentemente adotado em dicionários bilíngues “é a explicação do fenômeno, objeto ou conceito da LP, ou seja, a descrição do conteúdo semântico ou referencial do mesmo” (BARROS, 2004, p. 248). Além dos casos citados, também pode ocorrer que uma língua A disponha apenas de um termo genérico, enquanto que em uma língua B exista tanto um termo genérico quanto outros mais específicos, ou vice-versa.

Em resumo, podemos dizer que a pesquisa terminológica bilíngue compreende as seguintes etapas básicas: criação de *corpora* comparáveis/paralelos na língua-fonte e na língua-alvo; criação de fichas terminológicas bilíngues para cada termo e registro dos dados; comparação dos termos e contextos nas duas línguas com base em análises lexicais e nos traços semânticos comuns e estabelecimento das equivalências, equivalências parciais e indicação da ausência de equivalências.

### **Metodologia da pesquisa: composição do *corpus***

O levantamento dos termos que compõem o glossário e a busca de seus equivalentes em inglês foram realizados com base em *corpora* comparáveis especializados, compostos por textos redigidos originalmente em português e inglês, e com o auxílio do programa de análise lexical *WordSmith Tools*. O *corpus* de turismo de aventura em português (CTAP) está composto por 50 textos, todos em formato digital, nomeados de CTAP 1 a CTAP 50, incluindo normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), manuais do Ministério do Turismo, publicações da Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA) e trabalhos acadêmicos. Os textos foram convertidos para o formato texto sem formatação (.txt) e armazenados no programa de análise lexical *WordSmith Tools*. Em seguida, por meio da ferramenta *Wordlist*, criamos uma lista com todas as palavras dos textos armazenados em ordem de frequência. A partir dessa primeira lista e por meio da ferramenta *Key-word*, criamos uma lista com as palavras-chave do *corpus*. Para isso, foi utilizado o *corpus* de referência Lácio-Ref, disponível gratuitamente no *site* do Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional–

NILC,<sup>1</sup> com o qual o programa compara o *corpus* de estudo e extrai as palavras mais características e representativas, orientando a seleção dos termos. O *software* também permite a criação de linhas de concordância (*Concordance*), que oferece a visualização de todas as linhas nas quais um determinado termo ocorre, uma abaixo da outra, permitindo a observação das coocorrências e auxiliando na identificação de termos complexos, como no caso dos termos *mergulho autônomo* e *mergulho autônomo recreativo*, a seguir:

N	Concordance
26	para o treinamento de instrutores de <b>mergulho autônomo</b> – Parte • ABNT
27	para o treinamento de instrutores de <b>mergulho autônomo</b> – Parte veículos 4
28	para o treinamento de instrutores de <b>mergulho autônomo</b> – Parte 2: Nível 2
29	para o treinamento de instrutores de <b>mergulho autônomo</b> – Parte veículos 4
30	em 25/Set/2006 de serviços de <b>mergulho autônomo recreativo</b> –
31	para prestadores de serviços de <b>mergulho autônomo recreativo</b> 3.6
32	para prestadores de serviços de <b>mergulho autônomo recreativo</b> .
33	em 25/Set/2006 de serviços de <b>mergulho autônomo recreativo</b> –
34	em 25/Set/2006 de serviços de <b>mergulho autônomo recreativo</b> –
35	para prestadores de serviços de <b>mergulho autônomo recreativo</b> –

**Figura 1.** Linhas de concordância do termo *mergulho*

O *Corpus* de Turismo de Aventura em Inglês (CTAI) é composto por 78 textos, em formato digital, que versam sobre turismo e atividades de aventura, abrangendo os mesmos gêneros textuais que o CTAP. Dos 78 textos, 60 são provenientes da Austrália, país com grande destaque mundial na área de Turismo de Aventura e que disponibiliza vasta documentação em rede, que foram nomeados de CTAI AU 1 a CTAI AU 60. A título de observação de variantes, também coletamos textos dos Estados Unidos (7), Reino Unido (5), Canadá (4) e Nova Zelândia (2), conforme disponibilidade na rede e gratuidade, que foram nomeados CTAI EUA, CTAI RU, CTAI CA, CTAI NZ e numerados também de modo sequencial. Além disso, como material complementar, utilizamos dois dicionários de língua inglesa: Merriam-Webster Online Dictionary (2014) e Macmillan English Dictionary for Advanced Learners (RUNDELL, 2007). O *corpus* em inglês também foi processado e analisado com o programa *WordSmith Tools*. Abaixo, por meio das linhas de concordância, podemos identificar os termos complexos *scuba diving* e *recreational scuba diving*.

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.nilc.icmc.usp.br>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

N	Concordance
125	Queensland Government. <b>Queensland Scuba Diving &amp; Snorkelling Report</b>
126	they provide. Be it white water <b>rafting, SCUBA diving</b> , sea kayaking, rock
127	2030.1: 1999 & AS3848.2: 1999 <b>Re: Scuba diving cylinders</b> (Australian
128	in coral damage caused by <b>recreation scuba diving</b> . Ecological Applications 1
129	undertakes a course in <b>recreational scuba diving</b> using EANx, that the
130	scuba diver undertakes <b>recreational scuba diving</b> using mixed gases unless
131	diving (b) is a certificated <b>recreational scuba diving</b> instructor (c) has
132	scuba diver undertakes <b>recreational scuba diving</b> using EANx unless the
133	(2007). Artificial Reefs as <b>Recreational Scuba Diving Resources: A Critical</b>
134	No. 1 October 2008 <b>Recreational scuba diving</b> and snorkelling guidance

Figura 2. Linhas de concordância do termo *diving*

Os termos e contextos extraídos do *corpus* e dicionários foram inseridos em fichas terminológicas trilingues, criadas no programa *Microsoft Word*, como no modelo seguinte:

Quadro 1. Modelo de ficha terminológica trilingue preenchida

PORTUGUÊS	
<b>Termo</b>	<b>mergulho autônomo</b>
<b>Outros termos</b>	mergulho autônomo recreativo, mergulho recreativo, mergulho autônomo turístico
<b>Campo</b>	atividade de aventura>atividades de aventura na água >mergulho
<b>Definições/ Contextos</b>	<p>“Para o Turismo de Aventura, consideram-se os mergulhos livres (praticados sem o uso de cilindros de oxigênio) e os <b>autônomos</b> (praticados com o auxílio de equipamentos que permitem a respiração submersa). No <b>mergulho autônomo</b>, emerge um número maior de questões de segurança devido [...]” (CTAP 15).</p> <p>“Se qualquer uma dessas condições se aplicar a você, isto não necessariamente o desqualifica para o <b>mergulho autônomo recreativo</b>.” (CTAP 23)</p> <p>“Como lazer, o <b>mergulho recreativo</b> (com usos de equipamentos de respiração autônoma) é praticado no Brasil há mais de 30 anos e foi trazido por interessados que faziam cursos em outros países.” (CTAP 15)</p> <p>“<b>mergulho autônomo turístico</b> (produto turístico): produto em que a atividade principal é o mergulho autônomo e o praticante não é necessariamente um mergulhador qualificado.” (ABNT 15500, 2007, p. 3)</p>
<b>Nota</b>	-
ESPAÑHOL	
<b>Termo</b>	<b>buceo autónomo</b>
<b>Outros termos</b>	buceo recreativo, buceo de recreo, escafandrisimo

<b>Definições/ Contextos</b>	“ <b>Escafandrismo</b> . Actividad de desplazamiento subacuático en la que se utiliza un equipo individual (escafandra autónoma) que permite el desplazamiento debajo del agua con entera independencia y sin enlace con la superficie. Se respira aire comprimido y se emplean las técnicas y los materiales propios de la [...]” (CTAE 1)
	“En la Escuela Española de <b>Buceo Autónomo</b> , recogiendo las experiencias de más de cuarenta años de enseñanza del buceo, hemos seleccionado para cada situación, el procedimiento más sencillo y más seguro.” (CTAE 11)
	“Esta norma europea especifica los requisitos para proveedores de servicios en el campo del <b>buceo recreativo</b> con equipo autónomo.” (CTAE 23)
	“Orden de 7 de febrero de 2002, del conseller de Obras Públicas, Urbanismo y Transporte, por la que se establecen los contenidos formativos, las capacidades y El procedimiento para la obtención de equiparaciones entre las calificaciones de buceo de las entidades federativas y las calificaciones de <b>buceo de recreo</b> .” (CTAE 22)
<b>Nota</b>	-
<b>INGLÊS</b>	
<b>Termo</b>	<b>scuba diving</b>
<b>Outros termos</b>	recreational scuba diving, recreational diving
<b>Definições/ Contextos</b>	“ <b>Scuba diving</b> : the activity of swimming under water with a container of air on your back and a tube for breathing through- scuba diver noun.” (RUNDELL, 2007, p. 1336)
	“ <b>Scubadiving</b> is now a major recreational activity worldwide. In popular dive tourism destinations such as Australia’s Great Barrier Reef, commercial tour operators have installed large permanent pontoon structures with giant underwater cages.” (CTAI AU 1, p. 7)
	“ <b>Recreational diving</b> is underwater diving for recreation using compressed gas, other than diving in a swimming pool, and includes any of the following: [...]” (CTAI AU 48)
	“ <b>Recreational scuba diving</b> and snorkeling as an activity with a risk of drowning and regulated at a State and Territory level was chosen as one of the areas to explore.” (CTAI AU 50)
<b>Nota</b>	-

Cada ficha contém campos para o registro dos dados em português, espanhol e inglês, contendo as seguintes informações: termo, variantes (outros termos), campo, definições/contextos e notas. Simultaneamente ao trabalho de coleta dos dados do *corpus* e preenchimento das fichas terminológicas, procedemos à análise do conteúdo de cada ficha e à comparação dos contextos e definições em português e inglês, buscando identificar os descritores comuns aos termos analisados para confirmar as relações de equivalência, os casos de equivalência parcial e os casos de ausência de equivalência, que serão comentados no próximo tópico. Após essa etapa, iniciamos a elaboração dos verbetes do glossário. Para tanto, estabelecemos uma proposta de verbete para o glossário trilingue português-espanhol-ínglês, contendo o termo principal e as variantes em português, espanhol e inglês e os contextos dos termos principais extraídos do *corpus*, conforme o exemplo (1) a seguir.

(01) **mergulho autônomo**

var.: mergulho autônomo recreativo, mergulho recreativo, mergulho autônomo turístico

**buceo autónomo**

var.: buceo recreativo, buceo de recreo, escafandrisimo

**scubadiving**

var.: recreational scuba diving, recreational diving

▲ No **mergulho autónomo**, emerge um número maior de questões de segurança devido principalmente à dependência da respiração por equipamentos, submersão contínua por um período relativamente longo e, pelo fato de o mergulho geralmente alcançar profundidades maiores, em que há maior pressão atmosférica sobre o turista. (CTAP 15)

▲ En la Escuela Española de **Buceo Autónomo**, recogiendo las experiencias de más de cuarenta años de enseñanza del buceo, hemos seleccionado para cada situación, el procedimiento más sencillo y más seguro. (CTAE 11)

▲ **Scuba diving** is now a major recreational activity worldwide. In popular dive tourism destinations such as Australia's Great Barrier Reef, commercial tour operators have installed large permanent pontoon structures with giant underwater cages. (CTAI AU 1)

**Nota sobre equivalência:** –

No próximo tópico, apresentaremos a análise dos termos relativos às atividades de aventura em português e seus equivalentes em língua inglesa.

## **Análise dos dados**

Os termos coletados na pesquisa foram sistematizados em quatro campos: atividades de aventura na água (1.1), ar (1.2), terra (1.3) e neve (1.4). Após a coleta, registro e análise dos dados, organizamos os termos em português e os equivalentes encontrados em um quadro de equivalências terminológicas. Utilizamos no quadro alguns símbolos para indicar as relações de equivalência. O símbolo  $\emptyset$  (vazio) foi usado para indicar que não foi encontrado um termo equivalente no conjunto de textos em inglês usado na pesquisa. Utilizamos o símbolo  $\cong$  (aproximadamente) para indicarmos que se trata de um equivalente parcial. Os termos não registrados no *corpus*, mas encontrados em fontes alternativas, foram colocados entre parênteses. Em relação às variantes, essas foram inseridas ao lado do termo principal (mais frequente no *corpus*), separadas por vírgula. Em nosso levantamento, foram registradas todas as variantes encontradas nos *corpora* e nos dicionários usados na pesquisa. Para fins de organização e apresentação dessas unidades, também adotamos como critério a maior ocorrência no *corpus*. Além disso, nos casos de variação ortográfica, assinalamos com um asterisco algumas formas encontradas nos dicionários consultados a fim de fornecer mais um subsídio à escolha lexical do consulente. O primeiro termo teve maior frequência no *corpus* e foi inserido como entrada, e o segundo teve frequência um pouco menor no *corpus*, mas encontra-se registrado no dicionário utilizado na pesquisa. Em caso de apresentarem a mesma frequência, os termos foram separados por barras. Nos casos em que confirmamos tratar-se de uma variante de determinado país de língua inglesa, foram introduzidas as seguintes abreviações: inglês americano (Am.), australiano (Au.), britânico (Br.), canadense (Ca) e neozelandês (Nz.).



**Quadro 1. Equivalências terminológicas português-inglês**

<p><b>1. atividades de aventura</b></p> <p><b>1.1 atividades na água</b></p> <p>1.1.1 acqua-ride, acqua ride, boia-cross<sup>2</sup></p> <p>1.1.2 body-board*, bodyboard, bodyboarding</p> <p>1.1.3 bodysurfe, bodysurf</p> <p>1.1.4 boia-cross<sup>1</sup></p> <p>1.1.5 canoagem</p> <p>1.1.5.1 caiaque oceânico, canoagem oceânica, seakayak</p> <p>1.1.5.2 caiaque surfe, surf kayak</p> <p>1.1.5.3 caiaque turístico, kayaktouring</p> <p>1.1.5.4 duck, caiaque inflável</p> <p>1.1.5.5 rafting</p> <p>1.1.4.5.1 rafting em águas brancas</p> <p>1.1.6 esqui aquático, esqui<sup>2</sup></p> <p>1.1.7 hidrospeed</p> <p>1.1.8 jet ski*, jet-ski</p> <p>1.1.9 kitesurfe</p> <p>1.1.10 mergulho</p> <p>1.1.10.1 mergulho autônomo, mergulho autônomo recreativo, mergulho recreativo, mergulho autônomo turístico</p> <p>1.1.10.2 mergulho livre</p> <p>1.1.10.3 mergulho em caverna</p> <p>1.1.10.4 mergulho noturno</p> <p>1.1.11 remo</p> <p>1.1.12 snorkeling, flutuação</p> <p>1.1.13 stand up [paddle], [SUP]</p> <p>1.1.14 surfe, surf</p> <p>1.1.15 vela</p> <p>1.1.16 wakeboard</p> <p>1.1.17 windsurfe, prancha a vela</p> <p><b>1.2 atividades no ar</b></p> <p>1.2.1 balonismo</p> <p>1.2.2 base jump</p> <p>1.2.3 paraquedismo</p> <p>1.2.4 salto duplo</p> <p>1.2.5 skydive</p> <p>1.2.6 skysurfe, sky surf, skysurfing</p> <p>1.2.7 ultraleve</p> <p>1.2.8 voo livre<sup>1</sup></p> <p>1.2.8.1 asa-delta*, asa delta, voo livre<sup>2</sup></p> <p>1.2.8.2 parapente, paraglider, paragliding</p> <p><b>1.3 atividades na terra</b></p> <p>1.3.1 arco e flecha, arco-e-flecha</p> <p>1.3.2 arborismo, arborismo</p> <p>1.3.3 <u>bungee jump</u>, bunguee jumping, high jump</p> <p>1.3.4 <u>cachoeirismo</u>, cascading</p> <p>1.3.5 caminhada<sup>1</sup></p> <p>1.3.5.1 caminhada<sup>2</sup>, hiking</p> <p>1.3.5.2 trekking, caminhada de longo curso, travessia</p> <p>1.3.6 <u>canionismo</u>, canyoning</p> <p>1.3.7 ciclismo</p> <p>1.3.8 cicloturismo</p>	<p><b>1. adventure activities</b></p> <p><b>1.1 water activities</b></p> <p>1.1.1 Ø</p> <p>1.1.2 body boarding</p> <p>1.1.3 body surfing</p> <p>1.1.4 ≅ tubing (Nz.)</p> <p>1.1.5 canoeing</p> <p>1.1.5.1 seakayaking, sea kayaking</p> <p>1.1.5.2 surf kayaking</p> <p>1.1.5.3 [kayak touring]</p> <p>1.1.5.4 duck, inflatable kayak</p> <p>1.1.5.5 rafting, river rafting</p> <p>1.1.4.5.1 whitewater rafting, white water rafting, white-water rafting</p> <p>1.1.4.5.2 black water rafting</p> <p>1.1.6 water skiing, waterskiing*, water-skiing*</p> <p>1.1.7 riverboarding, river boarding, river sledging (Br.), river sledding (Am.)</p> <p>1.1.8 jet skiing</p> <p>1.1.9 kite surfing, kitesurfing, kite-surfing</p> <p>1.1.10 diving</p> <p>1.1.10.1 scuba diving, recreational scuba diving, recreational diving</p> <p>1.1.10.2 free diving</p> <p>1.1.10.3 cave diving, cave dive</p> <p>1.1.10.4 night diving</p> <p>1.1.11 rowing</p> <p>1.1.12 snorkelling* (Br.), snorkeling* (Am.)</p> <p>1.1.13 stand up paddling, stand up paddle boarding</p> <p>1.1.14 surfing</p> <p>1.1.15 sailing</p> <p>1.1.16 wakeboarding</p> <p>1.1.17 windsurfing*, wind surfing</p> <p><b>1.2 aerial activities</b></p> <p>1.2.1 ballooning, hot air ballooning</p> <p>1.2.2 base jumping</p> <p>1.2.3 parachuting</p> <p>1.2.4 tandem jump; tandem parachuting; tandem skydiving</p> <p>1.2.5 skydiving*, sky diving</p> <p>1.2.6 sky surfing* / skysurfing*</p> <p>1.2.7 ultralight</p> <p>1.2.8 Ø</p> <p>1.2.8.1 hang-gliding*, hang gliding*</p> <p>1.2.8.2 paragliding*, parapenting, para-gliding</p> <p><b>1.3 land activities</b></p> <p>1.3.1 archery</p> <p>1.3.2 high ropes course, high ropes, canopy tour, canopy walking</p> <p>1.3.3 bungee jumping*, bungy jumping</p> <p>1.3.4 Ø</p> <p>1.3.5 walking</p> <p>1.3.5.1 hiking, ≅ bushwalking (Au.), ≅ tramping (Nz.)</p> <p>1.3.5.2 trekking, ≅ bushwalking, (Au.), ≅ tramping (Nz.)</p> <p>1.3.6 canyoning, canyoneering*</p> <p>1.3.7 cycling, biking</p> <p>1.3.8 cycle touring, recreational biking, recreational cycling, cycle tourism</p>
--	--

1.3.9 corrida de orientação, orientação	1.3.9 orienteering
1.3.10 escalada	1.3.10 climbing
1.3.10.1 big wall, escalada em big wall	1.3.10.1 big wall
1.3.10.2 boulder, escalada de bloco, bouldering, escalada em bloco	1.3.10.2 bouldering
1.3.10.3 escalada artificial	1.3.10.3 artificial climbing
1.3.10.4 escalada em rocha	1.3.10.4 rock climbing
1.3.10.5 escalada esportiva	1.3.10.5 sport climbing
1.3.10.6 muro artificial	1.3.10.6 climbing wall, artificial climbing wall
1.3.11 espeleoturismo, caving, cavernismo	1.3.11 caving, recreational caving, spelunking
1.3.11.1 espeleoturismo vertical	1.3.11.1 vertical caving, potholing
	1.3.11.2 horizontal caving
1.3.12 le parkour, [PK]	1.3.12 parkour
1.3.13 montanhismo, alpinismo <sup>2</sup>	1.3.13 mountaineering
1.3.13.1 alpinismo <sup>1</sup>	1.3.13.1 alpinism
1.3.14 mountain bike, mountain biking	1.3.14 mountain biking
1.3.15 paintball	1.3.15 paintball, paint balling
1.3.16 quadriciclo	1.3.16 quad biking, quad-biking
1.3.17 rapel, rappel	1.3.17 abseiling (Br., Au., Uk.), rappelling
1.3.18 sandboard, surfe de areia	1.3.18 sand boarding, sandboarding
1.3.19 skate, skateboarding, skateboard, esquite	1.3.19 skateboarding
1.3.20 <u>tirolesa</u>	1.3.20 zip line; flying fox (Nz.), flying-fox (Nz.), flying fox (Nz.)
1.3.21 turismo equestre, cavalgada	1.3.21 equestrian tourism, horse riding tourism, horse trail riding, horse trail ride, horseback riding (Am., Ca.), horse riding
1.3.22 turismo fora de estrada, turismo fora-de-estrada, fora de estrada, off-road	1.3.22 four wheel driving, off-road driving, four-wheel driving, off-road tour
1.3.23 via ferrata	1.3.23 via ferrata
<b>1.4 atividades na neve</b>	<b>1.4 snow activities</b>
1.4.1 esqui <sup>1</sup>	1.4.1 skiing
1.4.2 snowboard	1.4.2 snowboarding

No quadro de equivalências apresentado, podemos observar três casos em que não foram encontrados equivalentes em inglês: *acqua-ride* (var. *acqua ride*, *boia-cross*), *cachoeirismo* e *voo livre*.

Os termos *acqua-ride* (*acqua ride*) e *boia-cross* designam a atividade consistente na descida de rios em boias ou botes infláveis. Essa prática teve início com uma brincadeira de descer o rio em câmaras de ar de pneu. Com o tempo, a atividade especializou-se e passou a ser oferecida de forma comercial por várias empresas de turismo de aventura e, além das câmaras de ar, foram desenvolvidos equipamentos especiais para a sua realização. Embora sejam usados como sinônimos, algumas fontes apontam diferenças entre os termos *acqua-ride* (*acqua ride*) e *boia-cross*, segundo a posição em que a atividade é executada: “No bóia-cross este participante deverá ter as pernas cruzadas à frente (posição de índio), no *acqua-ride*, o participante deverá deitar-se de bruços e manter as pernas dentro d’água, mantendo a estabilidade da bóia” (BRASIL, 2009, p. 69). Entretanto, essa diferenciação é muito sutil, e, como dissemos, os termos são frequentemente usados como sinônimos, conforme atesta o seguinte trecho: “O Bóia-Cross, também conhecido como ‘*acqua ride*’, surgiu na década de 1970 no Brasil com a velha brincadeira de descer um rio com correnteza em câmaras de ar de pneus de automóveis” (FIGUEIREDO; CAMPOS, 2007, p. 109).

Diante disso, inserimos uma entrada para o termo *acqua-ride*, que se refere à versão mais complexa do *boia-cross*, realizada de bruços e com equipamentos especiais,

e outra para o termo *boia-cross*, versão mais simples.<sup>2</sup> O termo *boia-cross* também foi inserido como variante de *acqua-ride*, pois é usado e indicado como tal em várias fontes. Em relação ao equivalente na língua-alvo, no CTAI, encontramos o termo *tubing* apenas nos textos provenientes da Nova Zelândia, acompanhado da seguinte explicação: “Tubing is distinct from commercial rafting. It’s a non-commercial activity involving home-made craft, usually comprising truck or tractor tyre tubes. The building of tube rafts is part of the group activity” (NOVA ZELÂNDIA, 2009, p. 121). Do trecho exposto, depreendemos que a atividade é equivalente àquela praticada na fase inicial do *boia-cross* no Brasil, de modo não comercial e em câmaras de ar de pneus ou similares. Contudo, não foi encontrado um termo que designasse o mesmo conceito representado pelo termo *acqua-ride*, referente a sua versão mais complexa. Uma atividade similar e encontrada com maior frequência no conjunto de textos do CTAI é o *river boarding*, denominado *hidrospeed* em português, consistente na descida de corredeiras, de bruços, em uma espécie de trenó aquático, atividade muito parecida com o nosso *acqua-ride*. Após essa análise, concluímos que o termo *tubing* refere-se somente ao conceito designado pelo termo *boia-cross*, no seu sentido primordial, e que não há um equivalente em inglês para a atividade mais especializada designada pelo termo *acqua-ride*.

Outro caso de não equivalência refere-se ao termo *cachoeirismo*, que costuma ser confundido com o termo *canionismo*. O *canionismo* “consiste em seguir o percurso traçado por um curso d’água no interior de um cânion, desde o seu início até o final, o que pode incluir ou não descidas de cachoeiras. Já o *cachoeirismo* é apenas a descida de cascatas ou cachoeiras, sem um percurso extenso” (ABETA; BRASIL, 2011, p. 61-62). Depreendemos dessa explicação que a atividade de *cachoeirismo* pode ser praticada isoladamente ou fazer parte da atividade denominada *canionismo*. No CTAI, entretanto, não encontramos um termo que se referisse exclusivamente à prática de descida (rapel) em cachoeiras, sendo encontrado apenas o termo equivalente relacionado à atividade mais ampla, *canionismo* (*canyoning*, *canyoneering*). Em português, portanto, há um termo genérico e um mais específico, enquanto que, em inglês, há apenas o termo mais genérico. Indicamos, assim, a ausência de equivalência para o termo específico. Cabe notar que, em português, conforme observamos em nosso *corpus*, o *cachoeirismo* também é chamado de *cascading*. Contudo, o termo *cascading* não foi encontrado em nenhum dos textos em inglês.

No terceiro caso, temos o termo *voo livre*:

Voo Livre é aquele que se pratica com asa delta ou parapente, sendo que a definição proposta pela Federação Aeronáutica Internacional (FAI) remete a uma estrutura rígida que é manobrada com o deslocamento do peso do corpo do piloto, por superfícies aerodinâmicas *móveis* (*asa delta*) ou até por ausência de estrutura rígida como cabos e outros dispositivos (*parapente*). (ABETA; BRASIL, 2011, p. 76)

Do contexto acima, depreendemos que *voo livre* é o hiperônimo dos termos *asa-delta* e *parapente*. Além disso, verificamos, nos dicionários de língua geral e especializado consultados, que *voo livre* também é definido apenas como o voo praticado com

<sup>2</sup> Na fase de redação de definições, posterior à submissão deste trabalho, foi criado apenas um verbete para os termos *boia-cross*, *acqua-ride* e *acqua ride*, com uma nota sobre as relações de sinonímia e de equivalência interlinguística.

a asa-delta e, por metonímia, o termo *asa-delta* é considerado sinônimo de *voo livre* (HOUAISS, 2009; LIMA, 2002, p. 378). No CTAI, foram encontrados apenas os equivalentes dos dois termos específicos, *hang-gliding* (*asa-delta*) e *paragliding* (*parapente*), não sendo identificado um termo genérico que os abrangesse. No CTAI, observamos a ocorrência do termo *gliding*, do qual derivam *hang-gliding* e *paragliding*, mas que concerne a outro conceito: voo de aeroplano. Portanto, não foi encontrado equivalente para o termo *voo livre*. Nos três casos comentados, indicamos a ausência de equivalência por meio do símbolo Ø.

A existência de termos mais genéricos ou específicos também ocorreu no sentido inverso da pesquisa, do inglês para o português. Observamos em nosso *corpus*, por exemplo, que os termos *rafting*<sup>3</sup> e *espeleoturismo*,<sup>4</sup> em português, apresentavam apenas um subtipo: *rafting de águas brancas*<sup>5</sup> e *espeleoturismo vertical*.<sup>6</sup> Já no *corpus* em inglês, encontramos dois subtipos de *rafting* e *espeleoturismo* (*caving*): *white water rafting* e *black water rafting*<sup>7</sup>, no primeiro caso, e *vertical caving* e *horizontal caving*,<sup>8</sup> no segundo. Em português, não há um termo específico para se referir à atividade com boias em cavernas (*black water rafting*) e também não há um termo específico para nomear o espeleoturismo na modalidade horizontal, que, na verdade, é a mais comum e praticada no Brasil.

Algo semelhante ocorreu com o termo *salto duplo*. No âmbito do turismo, o *paraquedismo* (salto em queda livre de paraquedas geralmente a partir de um avião) e o *skydiving* (com realização de manobras antes de se abrir o paraquedas) costumam ser realizados na modalidade *salto duplo*, ou seja, realizados por duas pessoas, sendo uma delas o instrutor. No CTAP, encontramos apenas o termo *salto duplo*. No CTAI, entretanto, além do termo *tandem jump* (*salto duplo*), também encontramos *tandem parachuting* e *tandem skydiving*, especificando tratar-se de *salto duplo* nas atividades de *paraquedismo* e de *skydiving*, respectivamente.

Em relação às atividades de *voo livre*, *cachoeirismo*, *black water rafting*, *horizontal caving*, *tandem parachuting* e *tandem skydiving*, a inexistência de um termo equivalente na outra língua para designá-las não significa que não existam ou não sejam praticadas em determinado país. Essas diferenças devem-se às necessidades denominativas de cada sociedade e refletem os diferentes modos de se interpretar e classificar a realidade.

Também houve casos em que o termo equivalente não foi encontrado no *corpus*, mas foi verificada sua existência em fontes alternativas. É o caso do termo *caiaque turístico*, cujo equivalente não foi encontrado no *corpus*, porém, por meio de uma busca em *sites* de turismo de aventura, verificamos a ocorrência do termo *kayak touring*. O *corpus*, por mais rigorosos que sejam os critérios adotados, é apenas uma amostra, uma represen-

<sup>3</sup> “descida de rios com corredeiras em botes infláveis” (ABNT 2006, p. 1).

<sup>4</sup> “atividades desenvolvidas em cavernas, oferecidas comercialmente, em caráter recreativo e de finalidade turística” (ABNT, 2006, p. 1).

<sup>5</sup> “Águas brancas –a água em trechos de corredeiras, cachoeiras e outros obstáculos que a movimentam. Também chamadas de águas vivas ou águas bravas” (ABETA; BRASIL, 2009b, p. 53).

<sup>6</sup> “espeleoturismo de aventura que utiliza técnicas verticais” (ABNT, 2007, p. 3).

<sup>7</sup> Descida de rios em cavernas com utilização de boias ou câmaras de ar de pneu, semelhante ao boia-cross.

<sup>8</sup> “Horizontal caving which may include crawling through narrow openings, fording streams and climbing up or down short rock faces. Vertical caving which involves the use of ropes or ladders to ascend or descend vertical drops, known as ‘pitches’” (AUSTRÁLIA, 2013a).

tação. Diante disso, não poderíamos indicar a ausência do equivalente, pois, apesar de não ocorrer no conjunto de textos selecionado, foi encontrado em outras fontes. Esse termo foi indicado no quadro de equivalências entre parênteses.

Em relação ao termo *stand up* (em português), encontramos o equivalente *stand up paddling* no CTAI. Entretanto, em buscas na rede, verificamos que, em português, também são utilizadas a abreviação *SUP* e a forma estendida *stand up paddle*. Nesse caso, também acrescentamos as unidades obtidas nas fontes complementares de modo a suplementar as informações encontradas no *corpus*.

O último caso que gostaríamos de comentar refere-se ao termo *caminhada*. No *corpus* em português, encontramos a seguinte explicação:

Existem diversas palavras que classificam os diferentes tipos de caminhadas, segundo sua duração ou envolvimento com o ambiente. Em grande parte, as definições vieram do inglês e foram traduzidas para o português. **Hiking**, por exemplo, consiste em passeios de curta duração, em média algumas horas, nunca mais de um dia. É a forma mais comum no Turismo de Aventura e sua tradução seria mais perto de caminhada mesmo. Já **Trekking**, palavra de origem africânder, pode ser usada em português para travessia, caminhada de longo curso ou caminhada com um ou vários pernoites (em camping, pousada, casa ou até mesmo um bivaque improvisado). É um produto de Turismo de Aventura com menos demanda que a caminhada, porém alguns roteiros já se consolidaram como tradicionais neste mercado. (ABETA; BRASIL, 2009a, p. 49, grifos nossos)

Segundo essa fonte, existe a caminhada de curta duração, também chamada de *hiking*, e a caminhada de longa duração, também chamada de *trekking*. No CTAI, encontramos uma variedade de termos referentes à caminhada, como atesta o seguinte trecho:

[...] travelling on foot through the backcountry carrying all one's own supplies and equipment is a popular recreational activity in many developed nations. It is variously known, in different countries, as **hiking**, **bushwalking**, **tramping**, **trekking** or simply walking; and it may take hours, days or weeks, on or off trail. (BUCKLEY, 2006, p. 287, grifos nossos)

O trecho menciona a atividade de caminhar de um modo genérico (praticada no campo, em trilhas ou não, por horas, dias ou semanas), citando alguns termos empregados. Verificamos o significado deles nos dicionários adotados na pesquisa. Vejamos as definições encontradas no Merriam-Webster (2014): **hike** “to walk a long distance especially for pleasure or exercise”; **trekking** “to walk usually for a long distance”, “to travel by walking through an area with many mountains, rivers, etc., for pleasure and adventure”, “to go on a long and often difficult journey”; **tramp** “to travel about on foot: **hike**”. O termo *bushwalking* não consta do dicionário.

Analisemos também as definições do Macmillan (RUNDELL, 2007, grifo do autor): **hiking** “the activity of walking for long distances in the countryside”; **trekking** “to go on a long and difficult journey on foot. Some people go on holiday to do this”; **tramp** “to walk slowly for a long distance”; **bushwalker** “*australian* someone who enjoys hiking (=going for long walks) in the bush”.

Com base nos dois conjuntos de definições, confirmamos que *hiking* refere-se a uma caminhada longa, porém mais leve e curta do que *trekking*, relativo a uma caminhada mais longa e com maior nível de dificuldade. Nas fontes examinadas, os termos *tramping*

e *bushwalker* (australiano) são remetidos apenas ao termo *hiking*. Entretanto, nos textos especializados em turismo de aventura em inglês, são apresentados conceitos mais amplos de *tramping* e *bushwalking*.

O termo *tramping* é usado na Nova Zelândia: “Tramping is a traditional New Zealand activity. [...] Tramping ranges from nature walks on marked tracks to multi-day expeditions in the backcountry” (NOVA ZELÂNDIA, 2009, p. 165). Segundo o contexto, abrange desde caminhadas em trilhas a expedições de vários dias.

O termo *bushwalking* é usado na Austrália e designa um conceito também bastante amplo:

The activity of bushwalking involves walking in the natural environment for pleasure, challenge, experience and/or educational outcomes. The term ‘bushwalking’ is appropriately applied to long (multi day) as well as short (an hour or two) walks that can be experienced in diverse environments including urban suburbs, coastal, alpine, outback and remote regions. (AUSTRÁLIA, 2013b, p. 4)

*Bushwalking*, segundo o excerto, envolve caminhadas, que duram horas ou dias, em diversos ambientes naturais. Por fim, com base nas informações encontradas nas obras lexicográficas e no CTAI, compreendemos que as variantes *bushwalking* e *tramping* abrangem tanto o conceito de *trekking* quanto o de *hiking*. Sendo assim, inserimos os termos *bushwalking* e *tramping* como equivalentes parciais tanto de *trekking* quanto de *hiking*, usando o símbolo aproximadamente para indicar a parcialidade da equivalência, visto que, em português, os termos *trekking* e *hiking* recobrem de modo parcial o conceito mais amplo de *bushwalking* e *tramping* encontrado no *corpus*. Em relação às variantes geográficas, esse foi o caso mais complexo. Nos demais casos apresentados no quadro, as informações foram encontradas e verificadas nos dicionários e no *corpus* com maior facilidade.

## Considerações finais

O objetivo deste artigo foi descrever a metodologia utilizada na elaboração da parte bilíngue (português-inglês) de um glossário na área do Turismo de Aventura, contemplando desde o processo de composição dos *corpora* comparáveis, o levantamento de termos por meio da ferramenta *WordSmith Tools*, o registro de dados em fichas terminológicas até a análise dos diferentes graus de equivalências existentes entre termos de duas línguas diferentes. De um modo geral, observamos que a maioria dos termos que designam as atividades de aventura em português possui equivalentes em inglês. Por outro lado, como reflexo das particularidades de cada país e suas necessidades denominativas, observamos alguns casos de lacunas e recobrimentos parciais entre os conjuntos terminológicos comparados nas duas línguas.

## Referências

ALPÍZAR-CASTILLO, Rodolfo. *Cómo hacer un diccionario científico-técnico?* Buenos Aires: Editorial Memphis, 1997.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE ECOTURISMO E TURISMO DE AVENTURA (ABETA); BRASIL. Ministério do Turismo. *Manual de boas práticas de caminhada e caminhada de longo curso*. Belo Horizonte: Editora dos Autores, 2009a.

- \_\_\_\_\_. *Manual de boas práticas de canionismo e cachoeirismo*. Belo Horizonte: Editora dos Autores, 2009b.
- \_\_\_\_\_. *Relatório de impactos do programa aventura segura*. Belo Horizonte: Editora dos Autores, 2011.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). *NBR 15399: turismo de aventura – condutores de espeleoturismo de aventura – competências de pessoal*. Rio de Janeiro, 2006.
- \_\_\_\_\_. *NBR 15500: Turismo de aventura: Terminologia*. Rio de Janeiro, 2007.
- AUSTRÁLIA. Department of Sport and Recreation. *Western Australian Adventure Activity Standard: common safe practice for groups in the outdoors: caving*. 2013a. Disponível em: <<http://www.outdoorswa.org/page.php?id=7>>. Acesso em: 20 jan. 2014.
- \_\_\_\_\_. Department of Sport and Recreation. *Western Australian Adventure Activity Standard: common safe practice for groups in the outdoors: bushwalking*. 2013b. Disponível em: <<http://www.outdoorswa.org/page.php?id=7>>. Acesso em: 20 jan. 2014.
- BAKER, Mona. *Corpora in Translation Studies: an overview and some suggestions for future research*. *Target*, v. 7, n. 2, p. 223-243, 1995.
- BARROS, Lidia Almeida. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.
- BOUTIN-QUESNEL, Rachel et al. *Vocabulaire Systématique de la Terminologie*. Québec: Publications du Québec, 1985.
- BRASIL. Ministério do Turismo. *Regulamentação, normalização e certificação em turismo de aventura: Relatório Diagnóstico*. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Turismo Acessível: bem atender no turismo de aventura adaptada*. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2009. v. 4.
- BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação Geral de Segmentação. *Turismo de Aventura: orientações básicas*. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2010.
- BUCKLEY, Ralf Christopher. *Adventure Tourism*. Wallingford, Oxfordshire, UK; Cambridge, MA, EUA: CABI Pub., 2006.
- BUCKLEY, Ralf Christopher; UVINHA, Ricardo Ricci. *Turismo de Aventura: Gestão e Atuação Profissional*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- CABRÉ, Maria Teresa. *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Antártida; Empúries, 1993.
- DUBUC, Robert. *Manuel pratique de terminologie*. Québec: Linguatex Éditeur, 1985.
- FIGUEIREDO, Luiz Guilherme Buchmann; CAMPOS, João Geraldo Cardoso. *Turismo de esportes e aventura: livro didático*. 3. ed. Palhoça, SC: Unisul Virtual, 2007.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à terminologia: Teoria e Prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- LIMA, Dartel Ferrari de. *Dicionário de Esportes*. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.
- MERRIAM-WEBSTER Online Dictionary. Springfield: Merriam-Webster Incorporated, 2014. Disponível em: <<http://www.merriam-webster.com/>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

NOVA ZELÂNDIA. *Outdoor activities guidelines for leaders*. 2009. Disponível em: <<http://davidwoodsportfolio.wikispaces.com/file/view/Outdoor+Activities++Guidelines+for+Leaders.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

RUNDELL, Michael (Ed.). *Macmillan English Dictionary for Advanced Learners*. 2. ed. Oxford: Macmillan, 2007.

SWARBROOKE, John et al. *Turismo de Aventura: conceitos e estudos de casos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

RONDEAU, Guy. *Introduction a la terminologie*. 2. ed. Québec: GaëtanMorin, 1984.

VEGA, Miguel Angel. Terminología y traducción. In: CABRÉ, Maria Teresa (Org.). *Jornada Panlatina de Terminologia*. Perspectives i camps d'aplicació. Barcelona: IULA, 1996.